

# O Horizonte Vermelho

O impacto da Revolução Russa no movimento operário  
do Rio Grande do Sul, 1917-1920

Conselho Editorial

Alex Primo – UFRGS  
Álvaro Nunes Larangeira – UTP  
André Parente – UFRJ  
Carla Rodrigues – PUC-RJ  
Ciro Marcondes Filho – USP  
Cristiane Freitas Gutfreind – PUCRS  
Edgard de Assis Carvalho – PUC-SP  
Erick Felinto – UERJ  
Francisco Rüdiger – PUCRS  
Giovana Scareli – UFSJ  
J. Roberto Whitaker Penteado – ESPM  
João Freire Filho – UFRJ  
Juremir Machado da Silva – PUCRS  
Marcelo Rubín de Lima – UFRGS  
Maria Immacolata Vassallo de Lopes – USP  
Michel Maffesoli – Paris V  
Muniz Sodré – UFRJ  
Philippe Joron – Montpellier III  
Pierre le Quéau – Grenoble  
Renato Janine Ribeiro – USP  
Rose de Melo Rocha – ESPM  
Sandra Mara Corazza – UFRGS  
Sara Viola Rodrigues – UFRGS  
Tania Mara Galli Fonseca – UFRGS  
Vicente Molina Neto – UFRGS

**Frederico Duarte Bartz**

# **O Horizonte Vermelho**

**O impacto da Revolução Russa no movimento operário  
do Rio Grande do Sul, 1917-1920**



*Editora Sulina*

Copyright © Frederico Duarte Bartz, 2017

Capa: *Like Conteúdo*

Projeto gráfico e editoração: *Daniel Ferreira da Silva*

Revisão: *Simone Ceré*

Revisão gráfica: *Miriam Gress*

Editor: *Luis Antônio Paim Gomes*

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

BIBLIOTECÁRIA RESPONSÁVEL: DENISE MARI DE ANDRADE SOUZA CRB 10/960

---

B294h Bartz, Frederico Duarte  
O horizonte vermelho: o impacto da revolução russa no movimento operário do Rio Grande do Sul, 1917-1920 / Frederico Duarte Bartz. -- Porto Alegre: Sulina, 2017.  
319 p.

ISBN: 978-85-205-0787-2

1. Movimento Operário – Rio Grande do Sul. 2 História do Brasil - Movimento Operário. 3. Sindicalismo. 4. Comunismo. 5. Anarquismo. 6. Revolução Russa. 1. Título.

CDU: 981.65  
331.105.44(816.5)  
CDD: 331.11098

---

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Av. Osvaldo Aranha, 440 cj. 101  
Cep: 90035-190 Porto Alegre-RS  
Tel: (051) 3311-4082  
www.editorasulina.com.br  
e-mail: sulina@editorasulina.com.br

{Agosto/2017}

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

Dedico este livro a meus pais, Frederico e Diná,  
a minha irmã Débora, e a minha companheira,  
Andréia (com especial carinho).

Dedico também este livro a meus colegas historiadores  
críticos e professores engajados na educação popular, a  
meus camaradas sindicalistas, e a todos aqueles que têm  
caminhado comigo nestes últimos anos.



# SUMÁRIO

## APRESENTAÇÃO /11

## INTRODUÇÃO /13

### CAPÍTULO 1

“O círculo que se expande indefinidamente”: a Revolução Russa e seus impactos internacionais, 41

*1.1 A Revolução Russa, 41*

*1.2 A revolução mundial, 49*

### CAPÍTULO 2

“Hosanna, Hosanna, filha da justiça que vens para nós em nome da liberdade”: a experiência operária no Rio Grande do Sul e as primeiras interpretações da Revolução Russa pelos trabalhadores organizados do estado, 57

*2.1 A trajetória do movimento operário e suas características nos primeiros anos da Revolução Russa, 58*

*2.2 As condições sociais de apropriação dos impactos iniciais da Revolução Russa entre os operários gaúchos, 79*

### CAPÍTULO 3

“A humanidade é um turbilhão e o mundo um crepitar de chamas”: as transformações nas formas de interpretar a Revolução Russa no ano das grandes greves; novas experiências, novas leituras, 95

*3.1 A revolução como um processo universal, 98*

*3.2 A Rússia como concretização das esperanças operárias, 108*

3.3 *A luta contra as interpretações burguesas da Revolução Russa: O Syndicalista versus Correio do Povo em Porto Alegre e a polêmica em torno do militarismo n'O Rebate, de Pelotas*, 118

3.4 *O esforço analítico dos militantes sobre a Revolução Russa*, 125

## CAPÍTULO 4

4 “Parecerá absurdo que um libertário que tem por lema a paz e a concórdia exclame: Salve a Revolução!”: a identificação dos militantes com a revolução e as aproximações contraditórias com o sonho revolucionário, 138

4.1 *Anarquismo e sindicalismo revolucionário: algumas formas possíveis de identificação com os ideais da revolução*, 139

4.2 *Trajetórias de vida, identidades étnicas e escolhas políticas na aproximação com a Revolução Russa*, 146

- a) Friedrich Kniestedt e Zenon de Almeida: duas formas distintas dos anarquistas se relacionarem com a Revolução Russa, 146
- b) Abílio de Nequete: a Revolução Russa por uma perspectiva étnica e religiosa, 161
- c) Carlos Cavaco: a escolha pela revolução de fevereiro, 172

## CAPÍTULO 5

“A vossa fraqueza é filha da vossa divisão – uni-vos, pois! E não haverá força alguma que possa vos enfrentar”: associações comunistas do Rio Grande do Sul e suas relações com grupos similares do centro do país, 177

5.1 *O surgimento das associações comunistas e maximalistas no Rio Grande do Sul*, 179

5.2 *Relação com os grupos comunistas de São Paulo e Rio de Janeiro*, 204

5.3 *Participação dos militantes gaúchos na insurreição maximalista de 1919*, 214



## **CAPÍTULO 6**

“Não se consegue descrever o que se passou na cabeça de boa parte de nossos velhos amigos – num piscar de olhos tornaram-se nossos inimigos”: balanços e perspectivas do movimento operário gaúcho em relação ao futuro da Revolução Russa, 224

*6.1 A Revolução Russa como motivo de discórdia entre os militantes operários do Rio Grande do Sul: novas e velhas atitudes anarquistas, 227*

*6.2 O peso da reação: a campanha contra o maximalismo e a perseguição aos militantes do movimento operário, 240*

*6.3 Rumo à década de 1920: o sonho da revolução desfeito entre disputas internas e ataques da classe dominante, 261*

## **CONCLUSÃO /279**

### **NOTAS /293**

### **FONTES /310**

### **REFERÊNCIAS /313**



## APRESENTAÇÃO

O texto que compõe este livro foi apresentado, pela primeira vez, como uma dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS em maio de 2008, orientado pela Professora Sílvia Petersen e desenvolvido com financiamento público, mediante uma Bolsa de Pesquisa do CNPQ. No atual momento, com o centenário da Revolução Russa, houve a oportunidade de transformar esta dissertação em livro através de uma colaboração com a Editora Sulina. No entanto, acredito que não seja apenas o centenário da Revolução de Outubro uma oportunidade de tratar deste tema a partir da lógica das datas “comemorativas”. Hoje em dia, a memória e a história do impacto da Revolução Russa no movimento operário do Rio Grande do Sul oferecem, mais do que nunca, a oportunidade de debatermos o nosso tempo presente.

O Brasil vive uma conjuntura de aprofundamento da crise econômica e social desde o processo de impeachment de Dilma Rousseff em 2016. As propostas draconianas do Governo de Michel Temer, como as contrarreformas que visam retirar direitos e tornar cada vez mais precária a vida dos trabalhadores, ensejaram um impulso de vitalidade do movimento sindical, que resultou em uma das maiores greves gerais da

história do Brasil, em abril de 2017. Neste contexto, marcado por ataques da classe dominante e pela necessidade de mobilização da classe trabalhadora, a história do movimento operário brasileiro deve se tornar novamente uma arma crítica, um instrumento de análise em que os debates sobre o passado sejam fecundados pelas questões do presente.

Acredito que este é o momento mais propício para o lançamento deste texto como livro, pois é necessário que a história e a memória das lutas operárias sejam divulgadas e difundidas de forma cada vez mais ampla. É preciso que o maior número de pessoas conheça as grandes mobilizações sociais que ocorreram há cem anos e seus desdobramentos no tempo. Afinal de contas, quem sabe nós também não voltamos a acalantar velhas esperanças observando a ação destes trabalhadores que acreditaram, com todas as suas forças, estar vislumbrando e participando do nascimento de um mundo novo!

Porto Alegre, agosto de 2017

## INTRODUÇÃO

**A** Revolução Russa foi deflagrada em fevereiro de 1917. Desde a primeira hora o movimento com forte participação operária impressionou o mundo, em parte pelo atraso e repressão que sempre caracterizaram o gigante russo, em parte pela radicalidade das propostas e ações dos diversos revolucionários que agiam no país naquele momento.

A partir de outubro, quando o Partido Bolchevique, grupo político operário por excelência, tomou o poder e transferiu o centro decisório do Governo Provisório para um Conselho (Soviete) de Operários, Soldados e Marinheiros, o impacto foi ainda maior. Em diversas partes do mundo, revolucionários que desejavam mudanças profundas na sociedade se identificaram com aquele movimento, logo pensando em reproduzir em seus países o que os russos haviam conseguido com sucesso em sua terra. Alguns desses movimentos foram de extrema importância e prenes de consequências para seus respectivos países, principalmente na Europa. Assim, a Revolução Alemã de 1918, a Revolução Húngara de 1919 e a multiplicação de Conselhos Operários na Itália podem exemplificar quanto foi profundo o impacto da Revolução Russa no continente europeu.

Este período coincidiu com o fim da Grande Guerra, que havia jogado muitos países em uma crise profunda, com resultados nefastos para os operários e deslegitimando os governos que mais haviam sofrido com o conflito. A Revolução Russa foi assim uma das consequências desse período conturbado e uma das causas da ascensão das lutas nos diversos países onde o quadro se repetia.

A Revolução Russa também repercutiu no Brasil. Na época, em nosso país não havia partidos políticos operários, senão efêmeros e sem importância. Se quisermos analisar a importância da Revolução Russa no movimento operário brasileiro, seu uso, suas interpretações, devemos procurá-la especialmente entre os militantes e associações ligadas à luta sindical, onde se destacava a ação dos anarquistas. Devemos ter isso em mente ao analisar as tentativas de explicar os modelos que nasciam da Rússia Soviética e as ações inspiradas nestas interpretações.

No Rio Grande do Sul, destacavam-se as ações dos anarquistas e dos socialistas, estes em parte ligados à tradição da social-democracia alemã, em parte ligados a velhos líderes sindicais como Francisco Xavier da Costa. Os anos de 1917-1920 são de intensa movimentação entre os operários: greves, violenta repressão, jornais que surgiam para logo desaparecer, formação de novas associações. É neste ambiente que as notícias da Revolução Russa chegaram até aqui.

Muito cedo já aparecem referências à revolução no nosso meio operário. Em março, um mês apenas depois da revolução de fevereiro, a Rússia já é mencionada em uma importante greve de calceteiros. Em julho, no maior comi-

cio da Greve Geral de 1917, João Batista Moll, militante anarquista, entusiasma-se com os exemplos da Rússia Revolucionária. Nestes primeiros momentos, invariavelmente, as referências à revolução se ligam aos anarquistas, que, no período de 1917 a 1918, estavam em franca ofensiva dentro do movimento operário, já que resultados da greve de 1917 os fizeram perder espaço dentro da Federação Operária do Rio Grande do Sul (FORGS). Um dos pontos importantes desta ofensiva é, por exemplo, a refundação do jornal *A Luta*, em fevereiro de 1918, que tinha como um de seus objetivos principais a defesa da Revolução Russa. João Batista Marçal, em seu artigo “1917 Novembro. As consequências da Revolução Russa no Rio Grande do Sul”, reproduz um exemplo desta defesa, publicado na edição de 1º de maio do referido jornal:

Que a Revolução Russa é um acontecimento grandioso na história dos povos para nós é indiscutível. E se nada soubéssemos sobre a mesma, quanto a seus fins, uma coisa nos bastaria para que o nosso dever, o dever dos trabalhadores, fosse defendê-la a outrance: é o fato dela ter contra si toda a burguesia do mundo. Porque a burguesia não faria o escarcéu que faz, se alguma coisa de grave a revolução não anunciasse (Revista *O Sul*, Porto Alegre, n. 18, 1987).

Mas estas não eram as únicas visões que os militantes ligados ao movimento operário tinham. Outras interpretações também circulavam: Carlos Cavaco, líder socialista e tribuno popular que possuía grande influência entre os trabalhadores, foi muito crítico à Revolução Soviética de outubro. Outro operário, o barbeiro libanês Abílio de Nequete, apoiou a Revolução Russa, mas teve uma interpre-

tação própria dela, com referências étnicas e religiosas que se afastavam muito da visão dos anarquistas. Isto mostra como, mesmo entre os que atuavam no meio operário, as maneiras de ver a revolução podiam seguir rumos diferentes, até díspares.

No ano de 1918 surgiram as primeiras associações comunistas no Rio Grande do Sul. Em novembro deste ano apareceu uma das mais destacadas entre elas: a União Maximalista<sup>1</sup> fundada em Porto Alegre por Abílio de Nequete, aquele que em 1922 será o primeiro Secretário-Geral do Partido Comunista do Brasil. Esta associação atuava na capital e teve participação importante nas greves de 1919, especialmente junto à União Metalúrgica, na qual logrou conquistar adeptos. No ano de 1918 também surgiu a Liga Comunista de Santana do Livramento, que atuou na greve dos frigoríficos Armour em 1919. Centros similares aparecem também nas cidades de Passo Fundo, Rio Grande e Pelotas.

Aparentemente, não existiam diferenças marcantes entre anarquistas e maximalistas, que teriam atuado juntos até o ano de 1919, o que parece não ocorrer mais em 1920. Esta impressão é reforçada por Friedrich Kniestedt, imigrante alemão e líder anarquista, em suas *Memórias de um imigrante anarquista*<sup>2</sup>. Neste ano foi realizado o 2º Congresso Operário do Rio Grande do Sul, evento muito importante para o movimento operário do estado. Os Congressos Operários marcavam a ocasião em que os representantes das diversas associações se reuniam para discutirem sua atuação e deliberarem sobre os projetos futuros. Neste Congresso houve uma disputa acirrada entre Friedrich Kniestedt e Abílio de Nequete, líder da União



Maximalista, pois este tentara filiar a FORGS à Internacional de Moscou. O Congresso terminou com a vitória da posição defendida pelos anarquistas e com a filiação da FORGS à Internacional Apolítica de Berlim.

Pela exposição até aqui realizada podem-se observar, mesmo que brevemente, alguns dos impactos que a Revolução Russa teve sobre o meio operário nos anos imediatos à sua eclosão. Isto me permite agora enunciar o objetivo central da minha pesquisa: analisar que transformações ou consequências importantes o impacto e as interpretações sobre a Revolução Russa trouxeram para o movimento operário do Rio Grande do Sul entre 1917 e 1920.

Neste período inicial (1917-1920) em que a Rússia dos Sovietes estava se construindo e sua estrutura de poder não estava cristalizada, a grande novidade da revolução operária mexeu com conceitos, despertou paixões e rancores e acabou se transformando em referência tanto para os seus entusiastas quanto para os seus críticos. Tendo em vista que a revolução mexeu com os referenciais do movimento, estudar seu impacto talvez possa ajudar a esclarecer algumas questões atinentes ao desenvolvimento das lutas operárias.

Quanto ao Rio Grande do Sul, esta questão se reveste de importância por algumas características peculiares do nosso movimento operário em relação aos demais estados, como a existência de rivalidades entre anarquistas e socialistas ou o papel dos governantes do Partido Republicano Riograndense em relação aos trabalhadores, com o seu discurso positivista de incorporação do proletariado à sociedade, que ideologicamente diferia da política das outras unidades da federação.